



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

## EDUCAÇÃO E EXPANSÃO DA FÉ CRISTÃ<sup>1</sup>

*Education and expansion of the Christian faith*

**Ismael Forte Valentin<sup>2</sup>**

**Resumo:** A tradição histórica do cristianismo, entre outras afirmações clássicas, atribui à Jerusalém o ponto de partida para a expansão do cristianismo. Afinal, trata-se da “Terra Santa”, lugar sagrado para as grandes tradições monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. No entanto, contrariando essas condições, será a cidade de Antioquia referência da primeira comunidade cristã. Além disso, segundo os textos bíblicos e históricos do primeiro século, essa cidade tornou-se o centro da expansão do Evangelho pelo Império Romano. Em razão das características sociais, religiosas e culturais, Antioquia acolheu a mensagem deixada por Jesus Cristo e a transformou em princípios que abalariam definitivamente os alicerces da cultura há séculos difundida pelo Império. O presente artigo apresenta uma discussão introdutória e abrangente sobre o lugar e importância da educação na vida e missão de Jesus Cristo, bem como a assimilação e difusão dos seus ensinamentos. Metaforicamente, as lentes utilizadas (educar e agir) são fundamentais para compreender a expansão do cristianismo como um processo educativo revolucionário. A partir da pedagogia do Mestre Jesus, o compromisso da comunidade cristã primitiva com os seus ensinamentos e a disposição latente de difundir ideias e práticas, o cristianismo, em pouco tempo, espalha-se pelo Império Romano. Essa presença deixou marcas indelévels, as quais estão presentes em nossa cultura ocidental até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Educação. Missão. História. Helenismo.

**Abstract:** The historical tradition of Christianity among other classical statements, assign Jerusalem as the start base to the Christianity expansion. After all, it is the “Holy Land”, a sacred place to the great monotheistic traditions: Judaism, Christianity and Islam. However, against these conditions, the city of Antioquia will be regarded as

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 30 de setembro de 2013 e aprovado em 03 de julho de 2014 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Doutor em Educação, mestre em Ciências da Religião, bacharel em Teologia, Filosofia e Pedagogia. Professor de Teologia e coordenador do Grupo de Área de Ciências da Religião da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Professor de disciplinas pedagógicas e orientador de TCC da Faculdade de Conchas (FACON). Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Educação e Protestantismo da Unimep/CNPq. Desenvolve pesquisas na área de Educação, História, Ciências da Religião. Tem publicações em revistas de educação e teologia além de anais de congressos e seminários. Contato: fvalent@uol.com.br

the reference of being the very first Christian community. Moreover, according to the Holy Bible texts and historical ones from the first century, this city became as the centre of expansion of the Gospel through the Roman Empire. Due to sociable, religious and cultural attribute, Antioquia took shelter to the message left by Jesus Christ and made it in principles that would affect definitively the foundation of the empire culture spread over the centuries. This article intends to introduce a discussion about not only the place, but also the importance of Jesus's education and mission, as well as the assimilation and spread of his teachings. Metaphorically, the used lenses (educate and act) are essential to understand the spread of Christianity as a revolutionary educational process. Based on Master Jesus's pedagogy, the primitive Christianity community engagement with its teachings and the latent willingness to spread ideas and practices, in a short time the Christianity is scattered in the Roman Empire, and this presence left indelible marks which are still present nowadays in our western culture.

**Keywords:** Education. Mission. History. Hellenism.

## Introdução

A compreensão do tema “educação” na Bíblia representa permanentemente um desafio para seus estudiosos. Por diversas e diferentes razões, esse tema não tem sido explorado como deveria, tendo em vista a importância do mesmo. Ao lermos a Bíblia a partir do referencial educacional, percebemos, desde os primeiros versos, o desejo do escritor de transmitir ensinamentos que transcendem a inteligência humana. Há uma sabedoria ainda desconhecida na coletânea sagrada, de Gênesis a Apocalipse.

Neste artigo, com uma discussão introdutória e abrangente, esperamos contribuir para a valorização da leitura bíblica com o auxílio das lentes “educar e agir”. A inspiração divina, por si só, já representa um caminho educacional por excelência. A conspiração pode bem significar um esforço coletivo e organizado para transmitir lições de sabedoria. A organização da Bíblia (Antigo e Novo Testamentos), certamente, levou em conta o aprendizado que histórias, fábulas, poesias, provérbios, parábolas e diálogos promoveriam entre as pessoas e sociedade. Assim, as lentes que utilizamos e recomendamos para a leitura desse texto tem, por um lado, o propósito educativo divino e, por outro, o ser humano enquanto alvo da realização divina.

Segundo a tradição judaico-cristã, Jerusalém, entre outras, seria a cidade-sede dessa grande agência educadora e redentora da humanidade. Afinal, trata-se da “Terra Santa”, lugar sagrado para as grandes tradições monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. No entanto, contrariando essas pré-condições, será outra cidade o berço do movimento que receberia o nome de cristianismo. Estamos falando da cidade de Antioquia. Era uma importante cidade da Síria, centro da expansão do Evangelho antes de Roma, habitada por muitos judeus. Certamente essa presença influenciou o terreno missionário, como um campo fértil e produtivo para a evangelização. Foi ponto de partida para as viagens do apóstolo Paulo. É hoje chamada *Antakya*, capital da província de *Hatay*, no sul da Turquia, com uma população atual de aproximadamente 1.500.000 habitantes.

Após os acontecimentos relacionados à vida do líder Jesus, temos, por um lado, uma mensagem missionária impactante para a sociedade palestina. Um grupo de pessoas definitivamente influenciadas pelo líder (apóstolos), disposto a oferecer a vida para que as lições/ações do Mestre não se perdessem. Por outro lado, temos uma cidade (Antioquia), centro de convergência de raças, práticas e ideias. Com sua característica pluralista, permitiu surgir um foco fecundo de disseminação das belas e profundas lições de vida deixadas por Jesus.

A reflexão proposta convida-nos a refazer alguns capítulos dessa história sob as lentes educativas, a fim de aprofundarmos e ampliarmos nossa compreensão quanto à relação entre missão e educação.

## Jesus, educador por excelência

A Palestina nos tempos de Jesus vivia ares apocalípticos. Era comum o surgimento de líderes mensageiros do *escaton* (fim). A desobediência seria tenazmente punida por Deus. Entre outros líderes, encontramos João Batista. Sua pregação decisiva e ríspida: “Cria de víboras, quem vos ensinou como fugir da ira eu está para vir?” (Mateus 3.7b<sup>3</sup>). Segundo os relatos dos evangelhos, ao receber o “sacramento escatológico do batismo por João”<sup>4</sup>, Jesus passa a fazer parte de um grupo considerado dissidente: aqueles que viviam no deserto e se dirigiam à Jerusalém por ocasião das festividades religiosas. Porém o mestre da Galileia não se deixa levar por questões políticas, ideológicas ou religiosas. Supera o tom desafiador e consumidor do Batista e inaugura uma escola peregrina. Mais do que exigir obediência cega às leis estabelecidas, resgatou o sentido dos mandamentos enquanto guia para uma vida de santidade.

No judaísmo palestinese era comum a reinterpretação alegórica dos mandamentos, presentes em grande quantidade por muitos lugares distantes e distintos, muitos deles incompreensíveis e impraticáveis. Esse método foi utilizado não só pelo judaísmo helenista sob a influência do pensamento grego, mas também pela igreja cristã nascente, a qual teve que lidar com as leis do Antigo Testamento.<sup>5</sup>

Jesus foi identificado como profeta e mestre. Profeta, pois anunciava a palavra de Deus aos seus filhos. Mestre, pois ensinava como colocar em prática essa palavra. O Rabi Jesus, como os profetas de Israel, utilizava para ensinar a técnica do *maschal* (do hebraico), traduzido por parábola em português. Trata-se de uma comparação, uma analogia, em que um dos termos é uma realidade sensível, experimental, oferecida a todos, apresentada pela experiência comum. Em outro termo, representa uma realidade espiritual, que se trata precisamente de fazer conhecer, revelar. Para ensinar as coisas espirituais, místicas, as leis fundamentais do reino de Deus, o qual está na iminência de se manifestar, o mestre Jesus o apresenta a partir de realidades experi-

<sup>3</sup> Os textos bíblicos são extraídos da TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLICA (TEB). 5. ed. São Paulo: Loyola, 1997.

<sup>4</sup> BULTMANN, Rudolf. *Jesus*. São Paulo: Teológica, 2005. p. 39.

<sup>5</sup> BULTMANN, 2005.

mentais encontradas na vida cotidiana. “Parte do concreto sensível para chegar ao concreto espiritual.”<sup>6</sup>

Há uma diferença importante entre o *maschal* hebraico e a alegoria. No *maschal* hebraico, o ponto de partida é sempre um dado sensível concreto, uma realidade espiritual cotidiana, acessível ao conhecimento de todos. Na alegoria<sup>7</sup>, por sua vez, um dos termos (afirmações) pode ser uma comparação fantástica, sem fundamento experimental. Jesus, ao se dirigir aos pescadores, camponeses, gente simples, não faz alegoria. Em seu ensinamento, parte da realidade concreta, da vida dessas pessoas. Seu ensino é assimilado e disseminado em função dessa relação direta com o dia a dia do povo. Eram lições relevantes e significativas para todas as pessoas, em todas as realidades e situações.

Jesus é um educador por excelência. A expressão joanina “o verbo se fez carne” (João 1.14) permite entender o sentido educativo da existência. Toda a natureza vive numa permanente experiência de aprendizado. O mundo vegetal e animal apreendem as lições que determinam sua existência. Adaptações, mudanças, alterações, marcam o processo de desenvolvimento da vida. O ser humano é parte dessa dinâmica construtiva. A Bíblia apresenta-nos um Deus criador e criativo. Sua ação é marcada pela instrução, orientação, indicação e expectativas. O ser que cria espera que sua criação corresponda aos indicativos de aprendizado. O Senhor se realiza ao ver sua obra percorrendo os caminhos educativos estabelecidos por ele. Jesus educador é o exemplo máximo da identificação entre a expectativa criadora realizada em sua obra. Assim, retomando o Evangelho de João, Jesus se apresenta como “o caminho, a verdade e a vida” (João 14.6).

## Antioquia, educação e missão

O ponto de partida e chegada dos missionários era a cidade de Antioquia da Síria, e não Jerusalém como seria de se esperar. No regresso de suas viagens, os missionários retornavam a Antioquia (Atos 14.26-28 e 22-23). A igreja de Antioquia da Síria nasceu como resultado da grande “tribulação que sobreveio a Estevão” (Atos 11.19). Depois do discurso de Estevão, e conseqüentemente sua morte: “Naquele dia, rompeu contra a Igreja de Jerusalém violenta perseguição. Todos, com exceção dos apóstolos, se dispersaram nas regiões da Judeia e da Samaria” (Atos 8.1). As autori-

---

<sup>6</sup> TRESMONTANT, Claude. *O Ensino de Ieshuá de Nazaré*. São Paulo: Paulinas, 1972. p. 53.

<sup>7</sup> Alegoria (gr. *allegoria*) 1. Representação de uma ideia por meio de imagens. Ex.: uma alegoria da justiça. Diferentemente do símbolo, a alegoria é um simbolismo concreto: “O símbolo está para o sentimento assim como a alegoria está para o pensamento” (Alain). 2. Relato apresentando um problema filosófico sob a forma de um simbolismo. Ex.: a alegoria da caverna de Platão. A alegoria pode ser considerada um simbolismo concreto, embora seu procedimento guarde frequentemente algo de abstrato, enquanto o símbolo vale por si mesmo e pelos sentimentos que sugere, servindo para atingir o que a razão não consegue alcançar: os personagens de uma alegoria são percebidos mais como a personificação de uma ideia do que como pessoas. Enquanto a alegoria é clara, o símbolo guarda algo de obscuro e de equívoco (JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001).

dades religiosas acreditaram que, com o sepultamento de Estevão, haviam sepultado também o movimento instaurado por Jesus na Palestina. Antioquia seria, então, o berço da nascente igreja.

A cidade de Antioquia, capital da Síria, hoje Antakya, na Turquia, representava uma das principais cidades na época da expansão do cristianismo. Cidade cosmopolita, verdadeira encruzilhada, em que se encontravam gregos, sírios e judeus. Ali a nova fé foi pregada aos gregos. E o resultado de tal pregação consistiu no fato de que o Evangelho de Jesus começou a “espalhar-se entre os homens de cepa gentílica”<sup>8</sup>.

Antioquia foi o centro da expansão da novidade anunciada primeiramente em Jerusalém. A cidade tornou-se a capital da dinastia dos selêucidas, cujo nome vem de Antíoco I, pai de Selêuco, o qual era general de Alexandre o Grande. A partir do ano de 64 a.C., os romanos tornaram Antioquia o seu centro administrativo e militar. Adquiriu o *status* de influente centro urbano, uma cidade (*polis*) helenística. Era a terceira cidade do Império Romano, constituindo-se num mosaico de culturas, conhecida como uma cidade multicultural. “Em Antioquia da Pisídia, Paulo faz seu primeiro discurso oficial aos judeus, proclamando que a espera deles se cumpre em Jesus.”<sup>9</sup>

As narrativas do livro de Atos dos Apóstolos estão marcadas por fatos exemplares. Lucas, seu autor, relatou em seu primeiro trabalho (Evangelho) os feitos e ensinamentos de Jesus. No segundo (Atos dos Apóstolos), apresenta o ministério do Espírito Santo, desde a sua descida até a expansão do movimento inaugurado pelo Filho de Deus. Em cada cidade há relatos de acontecimentos extraordinários. Porém na cidade de Antioquia os acontecimentos são mais da ordem do ordinário. Na igreja de Antioquia havia um significativo número de intelectuais, tanto judeus como gregos.

Para entendermos a ênfase educacional do projeto missionário cristão nascente, o qual ultrapassa as fronteiras do mundo judaico, faz-se necessário conhecer o processo de assimilação da cultura grega pelo ocidente. Alexandre Magno (356-323 a.C.), rei da Macedônia, por algum tempo chegou a ser instruído por Aristóteles, que também era da Macedônia. Foi Alexandre quem conseguiu a derradeira e decisiva vitória sobre os persas em 332 a.C. Ele uniu o Egito e todo o Oriente, até a Índia, à civilização grega. Começou então uma era completamente nova na história da humanidade. Surgiu uma comunidade internacional, na qual a cultura e a língua gregas desempenhavam papel preponderante. Esse período, que durou cerca de trezentos anos, é frequentemente chamado de helenismo. Conforme Chauvi (1997), trata-se do último período da filosofia antiga, quando a *polis* grega desapareceu como centro político, deixando de ser referência principal dos filósofos, uma vez que a Grécia encontra-se sob o poderio do Império Romano. Os filósofos diziam, agora, que o mundo é sua cidade e que são cidadãos do mundo. A filosofia era constituída por grandes sistemas ou doutrinas. Explicações sobre a natureza, o ser humano, as relações entre ambos e deles com a divindade. A extensão do Império Romano, a presença crescente de reli-

<sup>8</sup> WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp; São Paulo: ASTE, 1981. v. 1, p. 46.

<sup>9</sup> FABRIS, Rinaldo. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 38.

giões orientais no Império, os contatos comerciais e culturais entre Ocidente e Oriente, provocaram o aumento do contato entre os filósofos helenistas com a sabedoria oriental. O helenismo “representa um sistema porque reúne os caracteres necessários das civilizações, isto é, um modo original próprio de apresentar, debater e resolver os problemas ideais”<sup>10</sup>.

Segundo o testemunho dos escritores judeu-helenistas Flávio Josefo e Filão, existiam numerosas e florescentes colônias de judeus no Egito, no importante centro cultural e comercial de Alexandria, regiões essas que deram origem a várias colônias agrícolas. De acordo com Fabris (1984), na Síria havia densas colônias em Damasco, em Antioquia da Síria e em Tarso da Cilícia. Paulo, nascido em Tarso, pertencia à colônia judaica dessa cidade e provavelmente obteve cidadania romana por pertencer a uma família abastada.

O cristianismo foi levado à Antioquia pelos helenistas expulsos de Jerusalém. Apesar de o Evangelho ser pregado preferencialmente aos judeus, naquela cidade houve um significativo número de convertidos do mundo grego. Esse dado recebe destaque ao mobilizar a igreja de Jerusalém a enviar Barnabé para averiguar as informações. Como mencionamos acima, Barnabé vai à procura de Paulo para auxiliá-lo na ação educativa naquela comunidade. Não volta para Jerusalém, para o lugar das manifestações extraordinárias, mas fica em Antioquia para fortalecer o conhecimento a respeito do reino de Deus. Certamente, o resultado do trabalho desses dois líderes foi a consolidação da comunidade cristã, particularmente no respeito à convivência entre judeus e não judeus. Esse aprendizado foi fundamental para a expansão do Evangelho em terras gentílicas. Vale lembrar que “Paulo introduziu na teologia cristã muitos elementos provenientes de sua cultura rabinica e experiência helênica”<sup>11</sup>.

Além de capital da Província do Oriente, a cidade de Antioquia constituía ainda um foco de cultura grega. A evangelização remonta, como a de Damasco<sup>12</sup>, à vinda dos helenistas no final dos anos 30 do primeiro século da era cristã. A palavra é dirigida primeiramente aos judeus. O livro de Atos dos Apóstolos, no entanto, informa a presença helenistas convertidos. A Palavra é dirigida também aos de fala grega (Chipre e de Cirene), provenientes de Jerusalém (Atos 11.20). Grande número de não ju-

---

<sup>10</sup> MARTINS, Oliveira. *O Helenismo e a Civilização Cristã*. Lisboa: Guimarães, 1985. p. 14.

<sup>11</sup> WALKER, 1981, v. 1, p. 51.

<sup>12</sup> Damasco – cidade muito antiga e importante, com excelente irrigação e posição estratégica, na encruzilhada dos caminhos das caravanas, e por isso mencionada muitas vezes nos textos egípcios; conhecida também pela sua vinicultura. A partir de Davi, Damasco, como capital de um estado aramaico, entrou em contato com Israel. Os reis Rasim, filho de Eliáda, Heson, Tabremon, Benadad I e II, Hazael e Rasin são mencionados repetidas vezes nos textos dos primeiros tempos da realeza israelita; são mencionados também em textos proféticos (Isaías 17.1-3, Jeremias 49.23-27, Ezequiel 27.18, Amós 1.3-5). Desde Sakmanasar III até a conquista definitiva por Teglal-Falasar II (2 Reis 16.9) Damasco foi continuamente ameaçada pelos assírios. O tempo de maior florescência foi a época persa; sob os selêucidas ela sentiu a concorrência de Antioquia na margem do Orontes, fundada pouco antes (BORN, A. van den (Org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 350).

deus se converteu. “Não há dúvida de que o cristianismo, no momento em que passou a dirigir-se aos gentios, de certa forma se colocou na vida do judaísmo alexandrino.”<sup>13</sup>

Antioquia aparece assim como o primeiro centro de uma comunidade importante de não judeus feitos cristãos. Em 42, diante do desenvolvimento da comunidade, os apóstolos enviaram-lhes Barnabé. “O episódio se apresenta como um paralelo à missão de Pedro em Samaria. Atesta a vontade dos apóstolos de assegurarem a unidade das comunidades sob a sua direção colegiada.”<sup>14</sup> O “espião” ficou tão impressionado com aquela comunidade que, além de não retornar aos apóstolos com seu relatório, preocupado com a nova dimensão do Evangelho, vai à procura de Saulo para auxiliá-lo na educação cristã daquela comunidade (Atos 11.23-26).

Na igreja de Antioquia toma forma a metodologia: anunciar, congregar, ensinar. Após o anúncio do Evangelho de Jesus, Barnabé conclama a comunidade a manter-se firme nessa palavra e, ao lado de Paulo, dedica um ano de ensino aos novos convertidos (Atos 11.20,23 e 26). Após o anúncio vem a catequese, ou seja, “o processo de aprendizagem e interiorização”<sup>15</sup>. Vale lembrar que estamos falando de uma comunidade composta, entre outros, de mestres e doutores, judeus e gregos. O grego era largamente utilizado na Palestina. Tudo indica que mesmo os rabinos utilizavam essa língua. É evidente que o uso linguístico implica a absorção de elementos culturais profundos. O judaísmo palestino, exposto à língua e cultura gregas, absorveu elementos suscetíveis de esclarecer os primórdios do cristianismo, particularmente em sua ênfase à educação.

A revisão bibliográfica, além dos textos neotestamentários, permite-nos inferir que a expansão do cristianismo se deu na esteira do helenismo. Ao se defrontar com a cultura greco-romana, “o cristianismo esforçou-se por assimilar alguns de seus valores, adaptando-os e reinterpretando-os”<sup>16</sup>. Tentativas de síntese entre o cristianismo e a cultura clássica (helênica) apareceram desde os defensores dos princípios cristãos ao longo dos séculos I e II (Clemente e Orígenes) até o final do século IV (Agostinho, Basílio, Gregório de Nisa), entre outros. Nos embates doutrinários a partir do século III, assim como na catequese da igreja, observa-se a presença dos conceitos extraídos da filosofia grega.

## Educação e missão: a Didaqué

Antioquia transformou-se, muito cedo, em oposição a Jerusalém, num centro de expansão do cristianismo. O helenístico pagão, uma vez cristianizado, representará uma importante passagem para a expansão do cristianismo no Ocidente. É a partir daí que a obra missionária garantirá sua continuidade. É igualmente a Antioquia que se

---

<sup>13</sup> SIMON, Marcel; BENOIT, André. *Judaísmo e Cristianismo Antigo*, de Antíoco Epifânio a Constantino. São Paulo: EDUSP, 1987. p. 244.

<sup>14</sup> DANIÉLOU, Jean; MARROU, Henri. *Nova História da Igreja*. Dos primórdios a São Gregório Magno. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973. v. 1, p. 47.

<sup>15</sup> FABRIS, 1984, p. 108.

<sup>16</sup> SIMON; BENOIT, 1987, p. 237.

prendem alguns dos documentos mais antigos do cristianismo e que apresentam traços comuns. Entre eles destaca-se a Didaqué. Trata-se de uma das mais importantes descobertas feitas no campo da literatura cristã primitiva. Pode ser considerado como o mais antigo manual de religião da comunidade cristã. “A origem síria da Didaqué é muito provável. Apresenta em sua parte catequética uma tradição paralela àquela que encontra ressonância em Mateus.”<sup>17</sup>

Em 1883, Filóteo Brynnios, da Nicomédia, publicou um manuscrito grego da Didaqué em Constantinopla. Esse é uma cópia, cujo original data do ano de 1056 e, no índice, traz o título: Doutrina dos Doze Apóstolos. Desde a publicação, foram descobertas outras versões parciais. Segundo Zilles (1978), num fragmento grego, datado do século IV ou começo do V, encontrado em 1900, descobriu-se uma versão latina da primeira parte (seis primeiros capítulos), datada do século XI.

A Didaqué é um documento que nos permite conhecer mais profundamente o começo do cristianismo. É, certamente, uma das fontes mais antigas de ensino (catequese). Hoje, a partir de vários estudos, admite-se que foi compilada entre os anos 90-100, na Síria, na Palestina ou em Antioquia.

“A relação entre fé e cultura, entre questão religiosa e Evangelho pode ser descrita assim: o anúncio do Evangelho recebe, educa e purifica os anseios humanos, a procura sincera de Deus, tanto a busca através da religião, como aquela que passa pela cultura.”<sup>18</sup>

Em relação ao emprego da expressão *logos* no Evangelho de João,

[...] qualquer pessoa que leia os conceitos sobre a natureza do *logos* poderá perceber, de imediato, que o conceito do Evangelho de João sobre o *logos* realmente tem muitos elementos similares, e que, na realidade, o autor desse evangelho se aproveitou de uma ideia corrente e bem conhecida no mundo helenista, a fim de expressar uma profunda verdade concernente à pessoa do Cristo encarnado<sup>19</sup>.

Em relação à importância da educação, vale lembrar a experiência de Paulo em Roma, registrada por Lucas nos seguintes termos: “Paulo viveu assim dois anos inteiros, às próprias custas, e recebia todos os que vinham ter com ele, proclamando o reinado de Deus e **ensinando** (grifo nosso) o que concerne ao Senhor Jesus Cristo com inteira firmeza e sem peias” (Atos 28.30 e 31).

## Educação e a expansão do cristianismo

Na expansão do cristianismo, a instrução de que “se, com a tua boca, confessas que Jesus é Senhor e se, em teu coração, crês que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo” (Romanos 10.9), caracterizou-se como doutrina de máxima importância, uma

<sup>17</sup> DANIÉLOU; MARROU, 1973, p. 49.

<sup>18</sup> FABRIS, 1984, p. 170.

<sup>19</sup> OLIVEIRA, Fábio Falcão; TEGÃO, Afrânio William. *A Igreja e a Antiguidade Tardia: O Apóstolo Paulo e a unidade do Evangelho da Pólis*. Curitiba: CRV, 2012. p. 24.



vez que transforma a essência da vida cristã não numa mera crença acerta do Cristo, nem numa justificação de caráter jurídico apenas, mas sim numa relação pessoal e vital.

A rebelião judaica e a destruição de Jerusalém no ano 70 representaram quase o fim da frágil e pequena influência dos grupos cristãos na Palestina. Tal colapso geopolítico e histórico, aliado ao rápido crescimento do número de conversos de origem gentílica, ou seja, que não estavam sujeitos à lei judaica, esvaziou quase definitivamente a disputa entre os defensores da judaização e os da liberdade ritualística. Conforme Walker (1981), Antioquia, Roma e Éfeso (antes do fim do primeiro século) tornaram-se os centros principais da expansão cristã.

Fabris (1984) chama a atenção para o fato de que a ação missionária cristã ter como característica a ação compartilhada entre seus promotores, excepcionalmente solitária. Seja em seus protagonistas: Pedro e João, Barnabé e Paulo, ou as localidades de Jerusalém e Antioquia, em torno dos quais gravitam outras personagens e locais de menor importância. Em nosso caso, destacam-se Jerusalém e Antioquia como polos de expansão na primeira parte do século I. Paulatinamente, “o centro da gravidade se desloca para fora da Palestina, embora sempre se centralizando em Jerusalém e Antioquia”<sup>20</sup>.

Em termos de vocação missionária de Israel, bem como a expansão da mensagem salvífica de Deus, temos o registro profético: “[...] destinei-te a seres luz das nações, a fim de que a minha salvação esteja presente até a extremidade da terra” (Isaias 49.6), citado por Paulo e Barnabé em Antioquia diante da recusa e oposição dos judeus à pregação aos gentios. No chamado “círculo de pagãos simpatizantes e convertidos”<sup>21</sup>, os quais viviam em torno das sinagogas, a missão cristã encontra seus primeiros adeptos. A sinagoga é o ponto de referência dos missionários cristãos. Nela se encontram auditórios ansiosos por um discurso religioso, carregado da mensagem de salvação.

O movimento cristão não se dá num espaço vazio, sem cultura ou vivência religiosa. Já estão presentes no então “império romano” outras experiências religiosas, como a judaica e as várias religiões do mundo helênico, às quais muitos grupos se aproximam e se apropriam de suas ideias e práticas, segundo Fabris (1984). O fato de Barnabé ser chamado de Júpiter e Paulo de Hermes em Listra (Atos 14.12), e a afirmação “os deuses se tornaram semelhantes a homens e desceram até nós” (Atos 14.11), confirma a identificação com o movimento nascente e a cultura helênica. Os apóstolos chamam a atenção da população para o “Deus vivo”, a quem se deve cultuar e de quem se deve aprender.

Após o ano 70, no que podemos chamar de consolidação da era cristã, a maioria absoluta dos judeus encontrava-se na diáspora<sup>22</sup>, cujas principais bases de apoio se

<sup>20</sup> FABRIS, 1984, p. 29.

<sup>21</sup> FABRIS, 1984, p. 62.

<sup>22</sup> Diáspora em grego significa “dispersão” ou “espalhamento”; o equivalente hebraico *galut* e o *iidiche golus* também tem uma conotação mais completa de “exílio judaico”. Como é comumente usada, a palavra “diáspora” se refere, coletivamente, a todos os pontos geográficos fora da Judeia onde os judeus se

localizavam nas grandes cidades (Antioquia, Alexandria, Cartago) e na capital do Império – Roma. Embora não se possa contar com nenhum dado numérico exato, tem-se por certo que a diáspora abrangia alguns milhões de judeus. Segundo o escritor judeu Filão, “vivia somente no Egito um milhão de judeus, que talvez representassem pelo menos um oitavo da população total do país”<sup>23</sup>.

Interessante lembrarmos a primeira crise grave nas relações entre a comunidade cristã e as autoridades judaicas que eclodiu com a aparição daqueles a quem Lucas denominou “helenistas” (Atos 6.1). Era num pequeno núcleo de judeus da diáspora que falavam grego, estabelecidos em Jerusalém, que abraçaram a fé cristã. O grupo ganhou evidência em função do episódio envolvendo um de seus líderes: Estevão (Atos 7). Ele e seus seguidores parecem ter identificado em Jesus o responsável pela introdução de uma nova vida espiritual. A exigência formal e exterior do culto no santuário e as práticas judaizantes deram lugar à experiência de santidade e serviço. Uma mensagem de tal natureza proferida na própria cidade santa (Jerusalém), fatalmente suscitaria violenta reação por parte da casta sacerdotal e legal judaica, segundo Simon e Benoit (1987). Estevão morreu apedrejado, tornando-se o primeiro mártir cristão. Uma severa perseguição foi desencadeada contra a comunidade dos convertidos à nova fé. “A força da palavra, unida ao dinamismo do Espírito, doado pelo Ressuscitado, faz progredir a experiência cristã, desde a Palestina até o centro do Império Romano.”<sup>24</sup>

Os anos 311-313 marcaram uma reorientação da política imperial relativa à igreja cristã. Uma constatação era partilhada por diferentes segmentos e lugares: não é possível eliminar o cristianismo. Pelo contrário, o movimento sobrevivera e se fortalecera. Diante disso, uma nova ordem fora estabelecida: “doravante dever-se-ia contar com a igreja, os cristãos tinham o direito de livremente praticar seu culto, e o cristianismo era reconhecido como uma das religiões do império, em igualdade de condições com as demais”<sup>25</sup>. Após um longo período de instabilidade e precariedade, a igreja cristã começava um novo tempo.

A partir de 313, o imperador Constantino manifestou simpatia ao cristianismo. Ao bispo de Cartago, por exemplo, doou somas consideráveis. Em Roma, colocou à disposição da igreja o palácio de Latrão. Mandou construir ou participou da construção de numerosas igrejas. Cercou-se de cristãos em seu governo. Nomeou Óssio de Córdoba, seu conselheiro para assuntos religiosos. Lactâncio, conhecido escritor cristão, foi levado para a corte a fim de atuar como preceptor de seus filhos, educando-

---

estabeleceram depois que sua vida como nacionalidade havia sido destruída pelos romanos, em 70 d.C., fazendo os judeus irem para outros países da Ásia Menor ou sul da Europa. Mesmo antes desse evento catastrófico, a “dispersão” dos judeus já se vinha efetuando há muito tempo. Havia se processado em larga escala depois que o reino judaico do norte, da Samaria, caiu ante os invasores assírios em 721 a.C., e o rei Sargão iniciou a deportação de dezenas de milhares de israelitas (AUSUBEL, Nathan. *Biblioteca de Cultura Judaica – O Conhecimento Judaico*. Ed. por Abraão Koogan & Roger Roos. Traduzido por Eva Schechtman Jurkiewicz. Rio de Janeiro: Tradição, 1967. v. 4, p. 214 e 216).

<sup>23</sup> SIMON; BENOIT, 1987, p. 71.

<sup>24</sup> FABRIS, 1984, p. 87.

<sup>25</sup> SIMON; BENOIT, 1987, p. 191.

-os na fé cristã. “A partir de 323, os cristãos tiveram acesso às mais altas funções do Estado.”<sup>26</sup> Conforme os autores, a presença e participação de cristãos na vida pública imperial indicam a importância do movimento no início do século IV, inclusive na formação das futuras gerações.

## Considerações finais

Após ouvirmos os diferentes autores sob diferentes perspectivas e teorias, podemos trabalhar, ainda que provisoriamente, algumas considerações finais. Os autores convidados ajudam-nos a ajustar o grau das lentes escolhidas para nossa leitura (*educar e agir*). Ler a relação entre educação e missão com as lentes sugeridas certamente possibilita novos olhares para a história da igreja cristã.

A tendência a uma visão catastrófica do mundo num cenário de caos e medo é superada pela mensagem de esperança por um novo tempo, mensagem essa apresentada e vivida por Jesus. Mesmo quando o Mestre trabalha com a linguagem profética e apocalíptica, revela importantes lições a serem aprendidas. A perspectiva escatológica, divorciada da intenção educativa, tende a responsabilizar forças externas pelo fim. Pouco ou nada pode se fazer. O mundo está à mercê do “Todo-Poderoso” e de sua “ira”. No entanto, uma leitura como a proposta neste breve artigo revela-nos um Deus que se faz humano para ensinar as pessoas, do mundo todo, a resgatarem a imagem com que foram criadas. A visão do fim dá lugar à esperança pela restauração da vida em sua plenitude.

A perseguição provocada pela aceitação da Palavra (do verbo que se fez carne – Jesus) desencadeou a dispersão da mensagem do Evangelho. Apesar de Jerusalém, “Cidade Santa”, representar o lugar da revelação da Palavra, Antioquia será o lugar do seu aprendizado e difusão. Há uma novidade na comunidade. Uma nova metodologia é conhecida. Uma lição de vida que leva as pessoas a se entregarem pelo Mestre. Um admirável ser “educador” fez discípulos, comprometidos em manter viva, mesmo com as ameaças de morte, uma forma de compreender e experimentar a vida jamais imaginada. Somente numa comunidade em que ideias, visões, pensamentos e práticas conviviam dialeticamente, poderia aceitar e assimilar tamanha ousada compreensão da vida, divulgada e vivida por Jesus.

Ao constatarmos ser o helenismo os trilhos pelos quais o cristianismo alcança o mundo conhecido do 1º século d.C., podemos entender (visualizar) a força com que o Evangelho se propaga pelo então Império Romano. Há um modo de ser e viver a ser aprendido. A Didaqué revela com maestria essa expectativa. As relações humanas, o modo de governar, o trabalho na terra, o compromisso com o outro, são lições difundidas nas comunidades cristãs nascentes. O cristianismo, por meio da veia educacional, experimenta uma extraordinária expansão.

Ao reconhecer a força desse movimento, denominado cristianismo, ao longo dos quatro primeiros séculos da era cristã, os governos não veem outra alternativa

---

<sup>26</sup> SIMON; BENOIT, 1987, p. 194.

senão ceder à dinâmica pessoal e comunitária resultante da ação educativa. Podemos considerar, então, que o cristianismo é uma releitura e, ao mesmo tempo, atualização do impactante movimento denominado helenismo.

Finalmente, a partir dos referenciais trabalhados, é possível inferir que a superposição dos fatores políticos e econômicos sobre o educacional, à medida que avança movimento cristão, a partir do século IV, institucionalizado na forma de igreja, a comunidade cristã perde sua força transformadora, tornando-se uma força formadora. Conforme Oliveira e Tegão<sup>27</sup>, “uma coisa é certa, a história da igreja mostra que a unidade de um Império modelou a leitura e aproximou a cultura helênico-romana da religiosidade”. A cultura ocidental cristã será proporcionalmente formada pelas questões de ordem estrutural em detrimento ao educacional.

## Referências

- BORN, A. van den (Org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BULTMANN, Rudolf. *Jesus*. São Paulo: Teológica, 2005.
- CHARLESWORTH, James. H. *Jesus dentro do Judaísmo*. Novas descobertas a partir de estimulantes descobertas arqueológicas. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2001. v. 1.
- DANIÉLOU, Jean; MARROU, Henri. *Nova História da Igreja*. Dos primórdios a São Gregório Magno. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973. v. 1.
- FABRIS, Rinaldo. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- FOHRER, G. *Estruturas Teológicas Fundamentais do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus*. Pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulinas, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O Sermão do Monte*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MARTINS, Oliveira. *O Helenismo e a Civilização Cristã*. Lisboa: Guimarães, 1985.
- MORIN, E. *Jesus e as Estruturas do seu Tempo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1982.
- OLIVEIRA, Fábio Falcão; TEGÃO, Afrânio William. *A Igreja e a Antiguidade Tardia: O Apóstolo Paulo e a unidade do Evangelho da Pólis*. Curitiba: CRV, 2012.
- SIMON, Marcel; BENOIT, André. *Judaísmo e Cristianismo Antigo*, de Antíoco Epifânio a Constantino. São Paulo: EDUSP, 1987.
- TRESMONTANT, Claude. *O Ensino de Ieschuá de Nazaré*. São Paulo: Paulinas, 1972.
- TRILLING, W. *O Anúncio de Cristo nos Evangelhos Sinóticos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.
- WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp; São Paulo: ASTE, 1981. v. 1.
- ZILLES, Urbano. *DIDAQUÉ. Catecismo dos Primeiros Cristãos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

---

<sup>27</sup> OLIVEIRA; TEGÃO, 2012, p. 59.